

“Os escritores não sabem mais quem são seus leitores. Em Passo Fundo, eles encontram o seu leitor. Isso é um diferencial.”

Entrevista realizada por Fabio Maleronka Ferron e Sergio Cohn
no dia 17 de abril de 2010, em São Paulo.

Professora há 40 anos, Tânia Rösing leciona língua portuguesa e literatura brasileira há 36 anos na Universidade de Passo Fundo. É graduada em pedagogia e letras e doutora em teoria literária. Suas pesquisas estão centralizadas na leitura e na formação do leitor. Mais do que pesquisadora, é produtora de um dos principais e mais duradouros encontros literários do país, realizado em uma cidade do interior do Rio Grande do Sul. Passo Fundo abriga desde 1981 as Jornadas Literárias, um encontro dos escritores com seus leitores. Rösing já realizou 14 edições do evento.

A produtora considera um “descompromisso” e uma “irresponsabilidade” colocar escritores frente a frente com leitores sem que estes conheçam as obras literárias. Adotou então uma metodologia de trabalho que estimula a leitura das obras antes dos encontros. “Em Passo Fundo, o escritor encontra o seu leitor, e isso é um diferencial”. Por sua liderança, já recebeu vários prêmios, mas sente um “estranhamento” quando perguntam sobre o fato de um programa sólido de literatura acontecer em uma cidade interiorana.

“É como se uma cidade pequena não pudesse pensar grande”. Rösing diz que, apesar dos inúmeros concursos de literatura, a impressão é que a produção não tem crescido e que parece “faltar grandes temas” para os escritores. Quando fala de políticas públicas, a professora acha que a solução para aumentar os leitores no Brasil está na formação de professores a partir de iniciativas locais duradouras. “O valor destinado pelo governo às prefeituras, para as bibliotecas e escolas, não tem a contrapartida da formação dos professores que possam trabalhar com estes materiais”.

Que livros você lia na infância e na adolescência?

Eu tive uma formação literária diferenciada. A minha mãe é uma pessoa muito religiosa e nós pertencíamos – e eu pertenço ainda – à Igreja Metodista. Então fui iniciada no gosto pela leitura literária por meio de episódios bíblicos. A história do Noé, a história de Zaqueu. As histórias que me eram contadas eram episódios que a Bíblia relata sobre Jesus Cristo. E a minha mãe contava e cantava. Ouvia a mesma história muitas vezes, porque era muito gostoso, havia uma modulação de voz. Em seguida, aos oito anos, lembro de ter lido *O Pequeno Príncipe* [1943, de Antoine Saint-Exupéry], e aos 11 anos lembro de ter lido *Pollyana* e *Pollyana Moça* [de Eleanor Hodgman Porter, lançados em 1913 e 1915], que foi um presente da minha mãe. Aos 10 anos, um colega meu de escola, que era de uma família rica, ganhou de presente toda a coleção do Monteiro Lobato. Como a gente se dava muito bem, ele me emprestou. Então aos 10 anos eu li Monteiro Lobato inteiro, um a um. Aos 14, lembro de ter lido

escondido *Bom Dia, Tristeza*, de Françoise Sagan, que era uma leitura proibida, a gente lia dentro de um livro de geografia [*romance tornou-se símbolo da juventude francesa e foi adaptado para o cinema em 1958*]. Essas foram as experiências marcantes.

Esse deslumbre fez com que você seguisse o caminho da literatura?

O papel da minha mãe foi fundamental. Ela gostava de ler, embora não tivesse um alto nível de escolaridade, e em voz alta, o que foi me estimulando. A gente lia junto, compartilhadamente – é a expressão da moda agora, leitura compartilhada, que é a leitura em conjunto, a família junta. E com isso eu fui desenvolvendo o gosto pela leitura. Eu lembro que ela reclamava, me pedia para arrumar o quarto, mas se eu encontrasse um livro ou uma revista já interrompia a tarefa. Aí ela dizia: “Hoje não é dia de ler, hoje é dia de limpar o quarto”. Eu lia muito. Lia coisas relacionadas à igreja, revista *Bem-te-vi* [*publicação da igreja metodista voltada ao público infantil*], revistas que apareciam e os livros que ela ia comprando.

Passo Fundo tem o maior índice de leitura do Brasil, 6,5 livros por habitante ao ano, muito maior que a média nacional, de 1,8, segundo dados de uma pesquisa Ibope de 2007. Sempre foi assim?

Não. Um movimento pela leitura mais efetiva foi desencadeado em 1981, quando foram criadas as Jornadas Literárias, a partir de uma conversa que tive com o escritor Josué Guimarães. Eu me queixava para ele do curso de letras. Era uma mesmice, uma chatice, é uma repetição de ações. Ele me perguntou o que eu pretendia fazer para melhorar. Falei da ideia de organizar uma jornada literária com a participação de escritores do Rio Grande do Sul. Mas que fosse um evento diferenciado. Queria primeiro ler as obras com os participantes e depois trazer os escritores. Mas eu duvidava que os escritores atendessem ao convite de uma professora que ninguém conhecia. O Josué achou ótima a metodologia e se ofereceu para levar os escritores. Eu organizava em Passo Fundo e ele fazia os convites. Foram oito escritores no começo: Carlos Nejar, Moacyr Scliar, Antônio Carlos Resende, Cyro Martins, Armino Trevisan, dois jovens que teriam futuro como escritores – Deonísio da Silva e Sérgio Caparelli – e o Mário Quintana, que já não fazia mais conferência, pois tinha 75 anos na época. E no movimento de pré-jornada, ou seja, naquela leitura antecipada, apareceram 250 professores de diferentes áreas do conhecimento, professores de matemática, de história, de geografia e de língua portuguesa. Já se estabeleceu um contato interdisciplinar na leitura. Nós não sabíamos

quantas pessoas iam participar do evento porque a inscrição era feita nos três dias anteriores. E apareceram 750 pessoas na 1ª Jornada Sul-Rio-Grandense de Literatura, em 1981. No momento da avaliação com o Josué, nós vimos que realmente foi um sucesso. Principalmente porque não teve o ranço acadêmico. Um seminário, uma jornada, ela não pode ter o ranço da academia ou ser cheia de protocolos. A leitura precisa ser tratada de forma agradável para que as pessoas realmente possam se envolver com o tema e colocar seu conhecimento prévio a serviço daquela leitura, dentro de um protagonismo do leitor, que é o que a gente defende.

Por que escolheram o nome “jornada”?

Sabe que eu não sei porque surgiu. Achei à época que seria somente este encontro e nada mais. Acho que o nome foi uma sugestão do Josué. Eu já me fiz esta pergunta, mas não sei porque “jornada”. Hoje ela tomou outra dimensão, que envolve outras coisas muito mais amplas. Mas talvez tenha vindo desse tom inicial, dessa aproximação, a desmitificação do escritor, a aproximação com o público. O escritor sabendo quem é o seu leitor. Porque as pessoas passam hoje o livro para a rede e este livro toma o destino que ninguém sabe qual é. Não sabem mais quem são seus leitores. Em Passo Fundo, o escritor encontra o seu leitor. Isso é um diferencial.

Que balanço você faz das jornadas literárias realizadas até hoje?

Foram 14 edições. A primeira foi só estadual e as demais de abrangência nacional, organizadas bienalmente. Em toda essa trajetória nós mantivemos a mesma metodologia: focar a atenção na leitura prévia. É um descompromisso e uma irresponsabilidade colocar um leitor diante de um escritor sem o conhecimento da obra dele. Precisamos ter respeito ao escritor e também, mais do que nunca, um respeito ao leitor. Ele precisa saber o que será discutido, precisa ter sua história pessoal respeitada, sobretudo sua possibilidade de interferência no debate. Aumentamos o número de escritores ao longo do tempo e mantivemos a metodologia. Desde a primeira programação nós envolvemos ações culturais com outras linguagens, já preparando este leitor para a pintura, para a escultura, para a música, para a dança e para o teatro. Essa ampliação do universo da leitura, que hoje é evidente a partir do uso da internet e de toda inovação tecnológica, nós perseguimos desde 1981. Ampliamos a programação de acordo com os participantes. Por exemplo, os cursos matutinos surgiram porque em 1985 um dos participantes me disse que viria para a jornada e ficaria quatro dias com as manhãs livres. Em 1988, criamos os

primeiros cursos nas áreas de língua portuguesa e de literatura. Depois, nós ampliamos para cursos na área de comunicação, de história e sobre questões literárias misturadas com sociologia. E só então vieram os de teatro, os de música e os cursos na área de ensino. Até 1988 o evento se pagou, porque não eram tantas as ações. A partir de 1991, com as ampliações e o aumento da quantidade de atividades, o custo aumentou. Busquei então o apoio da prefeitura, comandada na época pelo engenheiro Airtton Langaro Dipp. Apresentei minha intenção de dividir lucros e perdas do evento. Cada parte entrou com 50% e nós conseguimos, inclusive, um superávit. A trajetória foi essa, o evento foi sendo ampliado. O local foi mudando ao longo do tempo também: um salão, depois o ginásio de esportes da Associação Atlética Banco do Brasil, depois um circo montado no centro da cidade. Mais tarde passou para o campus universitário, ampliamos as ações das manhãs, o número de escritores e artistas, incluímos contadores de histórias, shows, cinema, mostras de filmes.

O ensino de literatura no Brasil sofre críticas por trabalhar apenas com autores mais antigos ou já mortos. Vocês trabalham com autores novos, com uma temática nova, que abordam um cotidiano jovem, e tratam de temas que seriam tabus em muitos lugares. Como é a recepção dessa nova literatura por parte dos jovens?

Defendo que o trabalho feito no mestrado ou em qualquer universidade brasileira tenha que resultar em modificações na escola, no ensino fundamental e médio. Se nós trabalhamos com um público massivo, que é predominantemente de professores, temos de apontar caminhos. É fácil falar de escritor morto. Contudo, ao trazer escritores novos, jovens, o diálogo se efetiva não só na leitura do livro. Muitos autores disponibilizam o endereço eletrônico, então é possível criar um vínculo do leitor por e-mail também. Este escritor se disponibiliza a responder às perguntas. Temos trazido a literatura atual e também escritores da Academia Brasileira de Letras, acadêmicos que nos dão a importância de se trabalhar os clássicos. Estamos preocupados em valorizar a produção atual brasileira e fazer com que as pessoas conheçam quem são os ilustradores, os autores, quais são as temáticas. Aliás, este é um elemento novo na nossa trajetória. Começamos a introduzir temas nas jornadas literárias. O primeiro tema foi introduzido na décima edição: “Vozes do terceiro milênio e a arte da inclusão”. E falando da questão da inclusão, descobrimos em nossa cidade um livro produzido por um grupo religioso que estava proibido pela Justiça de circular. Ou seja, em Passo Fundo havia um livro proibido por choque ideológico. Outro tema foi

“2001 – uma jornada na Galáxia de Gutenberg: da prensa ao e-book”. Conseguimos trazer de Mainz, na Alemanha, uma réplica da prensa do Gutenberg, coisa que as pessoas achavam impossível. Enfim, a questão do tema é muito enriquecedora, damos um foco para as discussões mais diversas. No ano passado, trouxemos escritores e intelectuais que discutem arte e tecnologia.

Para resumir, penso que trazer os escritores novos, com obras que estão no mercado agora, é uma forma de apontar caminhos para que as escolas possam se interessar na leitura. É bom salientar que o Ministério da Educação e o Ministério da Cultura estão colocando um acervo riquíssimo, de coisas atuais, nas mãos das escolas. O que está faltando é levar esses acervos para um público em formação. O nosso objetivo é formar os leitores para que esses acervos saltem das prateleiras e sejam dinamizados. O valor vultoso destinado pelo governo às prefeituras, para as bibliotecas municipais, para as escolas, não tem a contrapartida na formação dos professores para que eles possam trabalhar com estes materiais. Nós nos dispusemos a desenvolver uma metodologia de leitura anterior, oferecendo sugestões e práticas de leitura multimedias. Não podemos mais deixar de trabalhar o literário, a internet, o filme, a pintura, a escultura, a música, enfim, tudo que possa enriquecer aquela leitura e fazer a transdisciplinaridade. Isso é uma tônica importante, valorizar o escritor que está no mercado, que tem qualidade e também desenvolver as parcerias com as editoras.

Como vê a relação da universidade com essa literatura nova? Existe atenção acadêmica ou a universidade continua conservadora em relação aos autores estudados?

Colocando a universidade como um todo, como instituição, eu vou usar a palavra ranço. Há coisas que entram na academia e coisas que não entram na academia. Por exemplo, nós estamos trabalhando com um ensino de literatura que parte do envolvimento com a obra. É aí que se faz a formação do leitor. O que a academia faz é trabalhar com periodização. Ela trabalha o arcadismo, o romantismo, o simbolismo, o pré-modernismo, o modernismo, tudo que não se entende como um processo complexo. Porque a literatura traz elementos da história, ela é contextualizada, evidentemente. E há os elementos que são baseados no real. Então temos história e literatura, sociologia e literatura. Nós não podemos trabalhar de forma fragmentada. Agora as pessoas dizem que com a internet nós precisamos trabalhar a literatura a partir do hipertexto. Mas ele sempre existiu! O que é o hipertexto? Você está lendo um livro e por não ter uma informação você vai buscar em uma enciclopédia, vai buscar em

um dicionário. São informações sobre palavra ou sobre a biografia do autor. Um texto mais um dicionário mais uma enciclopédia. Isso é hipertexto.

Da mesma maneira como *A Máquina do Mundo*, de Drummond, vai trabalhar com Camões, que por sua vez trabalha com a Bíblia.

Exatamente. Aí você tem a intertextualidade, intertexto. O livro *Educação na Cibercultura: Hipertextualidade, Leitura, Escrita e Aprendizagem*, da Cecília Ramal, possui o texto impresso e os códigos à direita. Retângulo tracejado é um sinônimo, depois um quadrado pontilhado é uma definição. Tudo no projeto gráfico, no texto impresso. A nossa cabeça já é uma cabeça hipertextual. Isso é mais do que o uso da internet. Precisamos fazer com que as pessoas entendam a perspectiva da leitura, da literatura. É muito atual falar em letramento literário, mas ele precisa começar primeiro pelo professor. E ele não é um leitor! Estamos conseguindo resultados muito mais significativos com crianças e adolescentes do que com professores. Em Passo Fundo, temos também o que chamamos de “Livro do Mês”. Cada mês vai um autor a Passo Fundo. Mês passado foi o Joel Rufino dos Santos. Foi escolhido um livro dele, que foi lido pelos alunos de letras, e depois foi feito um seminário com esses alunos e o autor. E também com os alunos de sétima e oitava série do município. São escolhidas quatro escolas por vez, a prefeitura compra 200 livros e os alunos leem. Você precisa ver a desenvoltura dos alunos das escolas municipais diante do escritor. É maravilhoso! Eles dominam o livro e questionam o autor. Com o Joel Rufino falaram sobre exílio e ditadura, coisas que aconteceram muito antes de eles nascerem. Ainda existe outro seminário com escolas estaduais e particulares, mas os melhores alunos são os municipais.

Como é produzir uma jornada literária em uma cidade do interior brasileiro?

Em 2003, conseguimos, por meio do consulado, a presença do contista alemão Bernd Cailloux que ficou surpreso e demonstrou até indignação com o fato de haver no Brasil uma cidade interiorana, e não uma capital, com um projeto tão sólido. Pude perceber a surpresa no Sérgio Paulo Rouanet também, quando ele foi a Passo Fundo como convidado da Academia Brasileira de Letras. Quer dizer, essa surpresa causa em nós um certo estranhamento, como se uma cidade pequena não pudesse pensar grande. Sempre perguntam por que isso não pode ser feito em São Paulo ou no Rio de Janeiro, mas isso pode ser feito em qualquer lugar! Agora, o que nos sustenta em Passo Fundo é essa vontade de fazer. Não recebemos nenhum tostão pelo trabalho. Eu ordeno isso há 29 anos, sem querer ser vereadora, sem querer ser deputada,

sem querer ser reitora, sem querer ser prefeita da cidade. E as pessoas que trabalham junto têm essa certeza. Estamos trabalhando para ampliar a vontade das pessoas lerem. Isso é o diferencial. Pode-se fazer em qualquer lugar, inclusive em Passo Fundo. E é lá que acontece, foi lá que foi criado. Seria muito bom se isso se repetisse em todos os lugares do Brasil, desde que houvesse o mesmo espírito e essa preocupação permanente. E sempre me perguntam como fica o projeto quando eu sair, mas eu tenho um grupo muito forte. Um grupo que acredita, que trabalha e que sustenta. Nada é feito sozinho.

O que você pensa dos festivais e eventos de literatura no Brasil?

É óbvio que é altamente positivo realizar mais e mais eventos que promovam a literatura, a música, a pintura, a dança, a dança folclórica. Tudo o que coloque em alta o viés cultural, a manifestação cultural. Mas geralmente os eventos hoje terminam como iniciaram. Há um ápice e então acaba a movimentação. Festivais, feiras, bienais têm este viés.

Como pensar uma política no Brasil que ajude a democratizar não só a leitura, mas o direito a ter um livro?

O problema todo está na formação do professor, que não é leitor. O Brasil teve um programa chamado Literatura em Minha Casa, em que os alunos da quarta e quinta séries ganhavam livros para levar para casa e iniciar a constituição de sua biblioteca. Mas o que aconteceu foi que os livros ficaram fechados na grande maioria das escolas brasileiras, e outros foram vendidos a sebos. Não aconteceu a leitura compartilhada na escola nem a entrega do livro para as pessoas poderem iniciar suas bibliotecas. Evidentemente, ter o livro em casa é altamente estimulante, é uma coisa muito boa, é o meu livro, é a minha prateleira de livros, não é? Mas nada disso vai funcionar se não tivermos professores leitores, porque são eles que deveriam dar o estímulo. É claro que a classe mais pobre, entre comer e comprar o livro, escolherá comer. Mas o caso não é esse. É que o livro não é um objeto imprescindível para as pessoas. É preciso haver uma valorização do livro. Nós desenvolvemos o programa Sacolas Circulantes, dentro do Centro de Referência em Literatura e Multimeios da Universidade de Passo Fundo. Nós temos 35 livros em cada sacola e emprestamos gratuitamente aos professores. Os livros ficam 10 dias na escola e podem ser renovados por mais 10 dias. As crianças também podem levar os livros para suas casas. Então há uma forma de posse, o livro fica na casa das crianças. Mas acho que é outra cultura que nós temos de desenvolver, que é a do compartilhar. Nem todo mundo pode assinar uma

revista, mas você lê uma revista em um dia e nos outros cinco dias ela fica ali jogada. Então por que não compartilhar? Eu acho que indo por aí nós começamos a desenvolver um gosto pela literatura. Nós criamos túneis ade-sivados com textos literários e espalhamos em Passo Fundo. A cada quinze dias trocamos os textos. Estamos trabalhando isso há dois anos. Não é um projeto que estimule a posse, mas é um estímulo à leitura. As pessoas vão caminhando, lendo e se divertindo. Passando por um processo de letramen-to literário sem se dar conta, lendo coisas de qualidade.

Existe relação com o universo literário do Mercosul?

Eu participei do Congresso Ibero-americano de Língua e Literatura Infantil e Juvenil, em Santiago, no Chile, onde estavam escritores, ilustradores, pro-dutores culturais e literatos de 17 países. E fiquei muito feliz em descobrir a produção ibero-americana, ela é muito grande e de muita qualidade. Nós estamos de costas para estes países e para sua produção. O encontro me deu estímulos para envolver esses países no trabalho que desenvolvemos em Pas-so Fundo. Mas é muito difícil. Nós tentamos os contatos via editoras, mas às vezes elas conseguem trazer e às vezes não. E as embaixadas não têm mui-to interesse. Como produtora cultural e dinamizadora, é preciso usar peito e raça, senão não acontece. Nós temos esse fechamento no Mercosul. É difícil trabalhar com a Argentina, é difícil trabalhar com o Uruguai. O Paraguai não tem tantas coisas. Vi um pouco de abertura no Chile, porque começamos a trabalhar com a bibliotecária número um de lá, a Constanza Mekis, que criou o programa das bibliotecas CRA (Centro de Recursos para el Aprendizaje).

O que são as bibliotecas CRA?

A partir da implantação de computadores doados pelo Bill Gates para to-das as bibliotecas chilenas, criou-se um programa de biblioteca escolar. Den-tro deste programa há um conjunto de ações, distribuídas em oito arquivos ou álbuns, que devem ser seguidas pelo professor ou pela pessoa que chega nessa biblioteca. Dentro das ações existem orientações sobre livros para ver, que são os álbuns, livros para ler, que são as narrativas, e livros para ler em conjunto, trazendo para dentro da biblioteca a família. A Constanza Mekis é uma artista, ela trabalha todas as linguagens nesse projeto. Quando ela faz uma conferência, enquanto está falando do trabalho, sustentando teorica-mente, ela de repente tira os sapatos, coloca uma música e começa a dançar. Depois ela sempre pergunta ao público se querem que ela leia uma receita, um poema ou um conto. Em uma dessas, eu solicitei que ela lesse uma receita.

E ela não só leu a receita, que era de um pão, como me deu o pão que ela já tinha pronto.

O que você acha da diversidade de títulos nas editoras brasileiras?

O mercado tem as suas regras. Há lugar para outras editoras que não são tão grandes, desde que estas editoras se disponham a fazer um trabalho diferenciado. Por exemplo, as editoras universitárias são mortas, pois não conseguem colocar seu material à disposição. Nós editamos na universida-de sete livros sobre práticas leitoras para uma cibercivilização, o último foi no ano passado. Agora mudamos o esquema. Como no Centro de Referência de Literatura e Multimeios (CRLM), nós fazemos práticas leitoras para edu-cação infantil, da primeira série ao ensino superior, então resolvemos criar roteiros de leitura dessa prática específica, a partir de um tema que é Arte e Tecnologia: novos desafios. Cada professor que levar sua turma lá no Mundo da Leitura [*parceria entre a Secretaria Municipal de Educação e a Universi-dade de Passo Fundo para estimular a leitura em crianças e adolescentes*] vai receber este roteiro. Vamos desenvolver uma atividade dentro do CRLM e o professor sai com este roteiro para a escola, onde ele deve dar continuidade. Então eliminamos o livro e criamos estes roteiros. A atividade não termina quando eles saem do CRLM. O que me interessa é o movimento permanen-te. A movimentação cultural permanente.

A gente discute as políticas, a falta de livrarias e de bibliotecas porque o número do mercado de livros no Brasil são muito pequenos. O brasi-leiro não gosta de ler?

O problema está na falta do estímulo. As pessoas não leem porque não há estímulo de leitura, e não há estímulo de leitura porque não há leitores na escola, professores leitores. A escola é o lugar com maior potencial para isso, com maior capilaridade. Se esta escola não se propõe a estimular a criança e a família, fica difícil. Por outro lado, como ela vai estimular uma pessoa que trabalhou a semana inteira, que está cansada, que está mais a fim de levantar suas pernas e descansar um pouco, e que não está em situação de se envolver, por exemplo, com contos tradicionais que trabalhem a questão da peraltice? Então eu entendo que não é só a escola. Na biblioteca pública também temos uma situação. Quem está na biblioteca são pessoas que não estão preparadas. Mas nós só vamos ter o aumento desta leitura à medida que tivermos estímulo. Estou há 29 anos nessa insistência. A maior parte dos projetos é desenvolvida por cinco ou dez anos e depois as pessoas desistem. Trabalhando com profes-

sores da rede estadual percebo o quanto estão desestimulados e desmotivados. É uma questão cultural. Eles ganham R\$ 500, mas mesmo que ganhassem dez vezes mais o desestímulo com relação à leitura seria o mesmo. Porque eles não têm ideia do que seja envolver-se, por exemplo, com o acervo disponível da cultura indígena. Eles não têm ideia nem do que seja envolver-se com a cultura afro-descendente. Eles não se envolvem. Eles não estão interessados em saber, por exemplo, o que é o grafite, como se dá a evolução do grafite para uma arte de rua. Isso não os atinge. Se nós não motivarmos as pessoas com ações na comunidade, passando pela escola, pela biblioteca municipal, pelas associações de bairro, não vamos conseguir alterar este nível.

Para assistir essa entrevista em vídeo:

<http://www.producaocultural.org.br/slider/tania-rosing/>